

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 23 - número 46 - outubro 2014

vol. 23 - número 46 - outubro 2014

Fundação Eng. António de Almeida



## NOTA EDITORIAL

### *FILOSOFIA OU MÁ-FÉ?*

Quem percorrer os milhares de páginas dos arquivos da instrução pública para os séculos portugueses do Iluminismo e do Liberalismo descobre com facilidade como a história da educação e do ensino entre nós (e da investigação, por extensão) está longe de ser linear e progressiva. Tantas vezes o peso do inconscusso pecado original (para evocar o velho e sábio Chesterton) é detectado na capciosa, minudente e mesquinha história, na mais biltre vingança, na escondida e confrangedora paroquialidade, e em abafados esquemas políticos que soezmente poluem o chão democrático da transparência e da isonomia. Vem este tempestivo e desalentado desabafo no momento em que esta Nota Editorial está a ser escrita, acabada de conhecer a incompetente e funesta avaliação da Unidade de Investigação mais ligada à *Revista Filosófica de Coimbra*, habitualmente designada LIF (Linguagem, Interpretação e Filosofia). Perdoar-nos-á o leitor, mas este lamentável episódio obriga-nos a uma nota gravemente denunciadora, quando em vez dela tínhamos previsto uma outra, de graciosa natureza festiva, que imperativos éticos de cidadania e de investigação nos obrigam a adiar; tratar-se-ia, nesta última situação, do jubiloso início da publicação dos *Opera Omnia* do nosso eminente e saudoso colega Miguel Baptista Pereira (vd. adiante a secção “Obras enviadas à Redacção”), primeiro director da *Revista Filosófica de Coimbra*. Com efeito, a soldo da irreconhecível FCT, sábios e competentes avaliadores em Filosofia, ao mesmo tempo que se pronunciam sobre a “sólida reputação internacional” dos membros que integram a LIF (vamos reproduzir entre aspas as palavras dos três filósofos avaliadores), sobre as “questões fundamentais e importantes do programa estratégico LIF”, a “relevância, muito para além da filosofia, das suas novas linhas temáticas” – reconhecem, designadamente, que uma dessas linhas (cuja liderança aliás foi recentemente premiada) “toca em alguns dos mais fundamentais problemas filosóficos” – ao mesmo tempo que assim pontificam, dizia, lamentam também o contrário de tudo o que haviam atestado: a ausência de publicações reputadamente internacionais, a natureza convencional (sic) da investigação, a orientação histórica predominante, sem contribuições da metafí-

sica analítica contemporânea ou da psicologia cognitiva. Teríamos de perguntar, evidentemente: de onde provém, então, a sólida reputação internacional? Como a reconheceram, afinal? Consultando a Sibila? Como se compatibiliza a novidade de linhas temáticas com o labéu da convencionalidade da investigação? E será que a metafísica descritiva (para utilizarmos antes o vocabulário menos oximorizado de Strawson) ou a psicologia cognitiva são os meios desejáveis/aconselháveis para enfrentar – e já agora: porquê? – a orientação histórica predominante? Será que distintos avaliadores confundem a actividade *filosófica* da história da filosofia com revisionismo (para continuarmos fiéis a Strawson)? “Sometimes words matter”, anotava D.J. Chalmers no seu conhecido *Verbal Disputes*, mas os relatores parecem não ter tipo tempo para reflectir sobre o uso das palavras e, o que é mais grave e denuncia falhas elementares da contratante FCT, ignoraram ou desprezaram o seu contexto. Torna-se mesmo imperativo perguntarmos-lhes se, quem conhece, por exemplo, a diferença augustinista entre palavras e coisas está *ipso facto* incapacitado, dada a convencionalidade do seu trabalho, para conhecer a alegoria com que W. James em *Pragmatism* (1907) tentou, sem conseguir, resolver as disputas sobre coisas pelo esclarecimento das palavras usadas em tais disputas! Terão os relatores visto provas de que esse é o caso? Presumirão, alfin, que qualquer pessoa pode designar como convencional todo o tipo de trabalho de investigação que não pratica ou pura e simplesmente é incapaz de cultivar? Enfim, se o disparate da contradição não for ridículo, ele, ou atesta as linhas ideológicas com que se cozem olhares tão medíocres dominados pelo despudor e pelo preconceito, ou denuncia trabalhos mercenários sob estratégias com agendas mais ou menos ocultas, quais as que v.g. referimos já nestas páginas (vd. *Revista Filosófica de Coimbra* 20: 2011, p. 474, n. 102). E assim, se um dia tais relatórios forem parar à poeira dos arquivos, um qualquer consulente objectivo e curioso terá a mesma experiência do horror à mesquinhez e incompetência que hoje em dia, quatrocentos ou trezentos anos depois, ainda nos atravessa quando lemos desoladamente as centenas de páginas, afinal de contas testemunhos do humano, tão demasiadamente humano, que repousam nas estantes dos arquivos da estupidez (para recorrermos a uma palavra que titula frequentemente alguns dos documentos desses períodos, que qualquer investigador convencional bem conhece). É bom que assim suceda. Para que a memória não acabe, pois a machadada na investigação, assim incompetentemente desferida, pode ter como efeito mais deletério a desumanidade do memoricídio, situação tão bem pensada nas páginas da *Revista Filosófica de Coimbra* por Miguel Baptista Pereira, para ela nos alertando há já alguns anos (vd. por exemplo 8, 1999, 181-252, agora também in: [http://www.uc.pt/fluc/dfci/public\\_publicacoes/filosofia\\_e\\_memoria](http://www.uc.pt/fluc/dfci/public_publicacoes/filosofia_e_memoria)).

Contrariando estes ares estéreis e fúteis de um impensado progresso e produtividade quantificada, e sem desconhecer (vício afinal de que os doutos avaliadores parecem assenhorear-se) que a meditação filosófica carece de tempo, de maturidade, e do fecundo ócio que desde Aristóteles nos enraíza, a *Revista Filosófica*

*de Coimbra* orgulha-se do seu passado, enxerta-se constantemente no mais vivo presente, e contempla denodadamente um futuro novo, aquele que também há-de coincidir com o descalabro dos servos que a tais senhores servem. Como sempre, cremos que os perfis que preenchem as páginas a seguir são também disto testemunho. Desde logo, mediante a publicação da “Carta à Europa” que JACQUES DERRIDA (1930-2004) publicou, como nos esclarece a tradutora e comentadora, FERNANDA BERNARDO, que dispensa apresentações pois se conta entre as maiores especialistas do filósofo. Esta mesma autora, aliás, assina uma meditação “Contratempos - Do Amor” em que filosofia, amor e melancolia são articuladas, como desde sempre, para que a última surja como a *Stimmung* própria do amor, e este encenado como contratempo. Cabe depois a PABLO POSADA VARELA continuar na senda da filosofia contemporânea, dando-nos a conhecer, mediante uma autêntica introdução aos seus conceitos fundamentais, alguns aspectos da fenomenologia de Marc Richir (1943-), pensador contemporâneo que nos brindou com a sua visita há muito pouco tempo – sem que os avaliadores soubessem! (perdoe-nos o leitor a blague) – e se assume hoje em dia, pela qualidade e quantidade da obra publicada, como uma dos maiores representantes da fenomenologia, esta uma das escolas filosóficas com mais tradição em Coimbra, logo quase desde as suas origens (vd. *Revista Filosófica de Coimbra* 20: 2011, 451-484). Como vem sendo uma marca de qualidade e de identificação da nossa Revista, o leitor irá ainda ler alguns artigos da maior relevância histórico-filosófica. Começamos (pela ordem cronológica e não pela alfabética em que sempre os publicamos) pelo trabalho de NÚRIA SÁNCHEZ MADRID sobre Dante, relevando a importância que “linguagem”, “poder” e “comunidade” assumem na obra filosófica e poética do conhecido autor da *Comédia* (que entre nós teve a felicidade de ter sido vertida pelo recentemente falecido Vasco Graça Moura). Da política e da moral pode o leitor passar para uma das mais eminentes escolas filosóficas que cultivou tais domínios, embora acompanhando os seus ecos distantes na Coimbra do século XVI com o artigo conjunto e absolutamente inédito de MARIA DA CONCEIÇÃO CAMPS e MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO sobre as presenças do estoicismo no conhecido *Curso aristotélico jesuíta conimbricense* e, próximo deste, o estudo de GIANCARLO COLACICCO que confronta a doutrina das causas e a doutrina dos princípios nas *Disputas Metafísicas* de Francisco Suárez, no que se apresenta como uma proposta a tomar em consideração em qualquer futura leitura da obra do filósofo jesuíta. SAMUEL DIMAS reexamina a distinção de David Hume entre “teísmo” e “deísmo” acabando por situar as contribuições de Hume para a filosofia da religião no campo do deísmo. Kant, Espinosa e Rousseau são estudados por ROBERTO R. ARAMAYO que dedica a sua atenção ao tema da felicidade e ao lugar da esperança, mercê dos diálogos que Kant entabulou com os outros dois filósofos, mormente Rousseau, cujo papel no chamado “imperativo elpidológico” se atenta e pormenoriza. Ainda com Kant, mas estendendo também a Fichte, MÁRCIA C. F. GONÇALVES estuda a construção do conceito schellinguiano de natureza com

o que nos mostra, acompanhando o diálogo com aqueles dois filósofos, como a viragem para a filosofia da natureza pôde passar pela tese de Schelling sobre a subjectividade ou espontaneidade imanente à natureza. Já no século XX de novo (1976 e 1978 para sermos mais precisos), embora convocando a recepção de Maquiavel, HELTON ADVERSE lê os cursos de Michel Foucault sobre o autor de *O Príncipe* não apenas como contributo para a história da filosofia, mas para uma verdadeira crítica da razão política moderna. Às habituais secções de Recensões, Obras enviadas à Redacção, Ficheiro de Revistas, e Índices do volume XXIII, o leitor conta também com duas “Notas Críticas”, uma do autor destas linhas, a outra assinada por RAFAEL GARCIA; enquanto pela leitura daquela se percebe que os membros da LIF insistem teimosamente no erro, segundo os avaliadores que convocámos no princípio desta Nota Editorial, da mais irrisória e convencional investigação, traduzida numa dedicação obsoleta e bafienta à história da filosofia, pela leitura da segunda também se percebe, que os mesmos membros – no caso, um dos mais novos doutores, cuja relação com a LIF os referidos peritos desvalorizaram – publicando embora em Berlim, por exemplo, não merecem, ainda e sempre segundo os empenhados ajuizadores que o alto critério da FCT se nos dignou atribuir em sorte, qualquer tipo de reconhecimento.

Como habitualmente, este volume XXIII contou com a participação das Sras. Eugénia Gonçalves e Mestre Maria Inês Almeida; a esta última fica a dever-se sobretudo a confecção dos Índices e do Ficheiro de Revistas.

*Mário Santiago de Carvalho*  
julho de 2014